

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACIS - IJEP**

Claudia Seber

**A EXPRESSÃO HUMANA SOB A ÓTICA DA ARTE
COMO VERTENTE DO PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTETERAPIA E
EXPRESSÕES CRIATIVAS**

São Paulo

2019

Claudia Seber

**A EXPRESSÃO HUMANA SOB A ÓTICA DA ARTE
COMO VERTENTE DO PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO**

Monografia apresentada à
FACIS como requisito
parcial para obtenção do
título de especialista em
Arteterapia

São Paulo

2019

RESUMO

A teoria da Psicologia Analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung tem como uma de suas premissas o processo de individuação. Vinculado ao inconsciente, portanto simbólico, ele possibilita ao indivíduo seu autoconhecimento através da integração entre conteúdos inconscientes e conscientes através da ação do self. O presente trabalho tem como objetivo tecer considerações teóricas acerca da relação do processo de individuação e da arte enquanto processo criativo. E como esta, enquanto um canal de expressão de conteúdos inconscientes figura-se como a premissa de sustentação da atuação arteterapêutica e de realização do self. A linha de problematização conduz a questão do quanto a expressão humana é um processo inato do ser humano, apenas materializado com características particulares de tempo e espaço ao qual o sujeito está inserido. O mundo material instrumentaliza, mas não atribui sentido ao sujeito se não houver entre eles uma relação de alteridade e experimentação. Fundir-se momentaneamente ao mundo concreto e fazer submergir à consciência conteúdos anteriormente inconscientes é a possibilidade da manifestação da Alma através do processo criativo. O relato de uma vivência artística embasada pelo estudo teórico e bibliográfico no decorrer do presente curso endossam a premissa de que o processo de criação, intuitivo e simbólico, é o principal agente de individuação do homem. A arte, enquanto manifestação simbólica permite ao homem se expressar e ao fazê-lo, revelar-se a si e ao mundo como parte singular de um todo chamado Vida.

Palavras-chave: arte, individuação, símbolo, inconsciente, arquétipo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1	7
CONCEITOS BÁSICOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA.....	7
CAPÍTULO 2	
DO VERBO À ARTE: GÊNESIS DA CRIAÇÃO.....	17
CAPÍTULO 3	
A INDIVIDUAÇÃO À PROCURA DE UM HOMEM.....	22
CONCLUSÃO	25
BIBLIOGRAFIA	27

INTRODUÇÃO

Contextualizada em um tempo-espaço, a Expressão Humana, vertente possível do processo evolutivo do fazer-se homem, remete-nos à ancestralidade pictórica como uma das primeiras manifestações genuinamente representativas vinculadas ao campo da subjetividade.

Subjacente à ação instintiva no âmbito da sobrevivência do homem enquanto espécie, tais representações possibilitaram a diferenciação do Eu no mundo, do Eu frente ao objeto, compreendendo tal ação como instrumento de apreensão do meio circundante.

À despeito da distância cronológica é possível tecermos um paralelo da Expressão Humana do homem moderno e do homem primitivo. Analisadas sob a ótica da Psicologia Analítica a Expressão Humana, em quaisquer vertentes, é essencialmente o viés da construção e realização do indivíduo no mundo, materializada, dentre outras formas, pela Arte. Tal processo figura-se como a premissa de sustentação da atuação arteterapêutica apesar da diversidade e das diferenças nos recursos materiais disponíveis ao sujeito. Apenas a compreensão, mas sobretudo a própria vivência da Arte, possibilitam a utilização da mesma na esfera terapêutica, criando assim uma relação de alteridade entre os indivíduos nela envolvidos. O mundo material passa então integrar o ambiente terapêutico como um terceiro elemento da relação paciente/terapeuta.

Compreender o Homem em seu processo de Criação e Expressão antecede a análise objetiva de suas produções materiais, mesmo que oriundas e emergentes do mundo subjetivo e inconsciente. O mundo material constitui-se potencialmente, mas somente a ação humana nas suas múltiplas facetas e intervenções atribui-lhe significado, portanto, vida.

A realidade concreta, aparentemente determinante, instrumentaliza o homem na busca atemporal e perene de sua individualidade. Amplia o mundo material enquanto possibilidade de realização sem lhe atribuir, entretanto, sentido. Este, vinculado à esfera subjetiva, confunde-se com a história da humanidade e do próprio

indivíduo na busca de sua expressão máxima, ou seja, de sua Alma. A diferenciação do indivíduo do meio coletivo por meio da ampliação e elaboração de sua consciência pessoal, ou seja, seu sentido no mundo, interfere concomitantemente na constituição dessa mesma realidade que o cerca.

Compreender a Arte como expressão e manifestação individual e coletiva e contextualiza-la no processo de individuação, é a base da atuação terapêutica sob a ótica junguiana. A hipótese do presente trabalho é que a forma, ou seja, o meio material disponível ao sujeito apenas instrumentaliza e possibilita o processo expressivo sem, entretanto, significá-lo. Fundir-se momentaneamente ao mundo concreto e fazer submergir à consciência conteúdos anteriormente inconscientes é a possibilidade da manifestação da Alma através do processo criativo.

A etimologia da palavra “expressar” designa-se ao ato de colocar para fora algo a ser extraído, apertado, tirado sob pressão. Podemos tecer um paralelo deste conceito com a existência de conteúdos inconscientes, que na visão da psicologia analítica, quando alçados e incorporados à consciência, possibilitam o processo de individuação. A pressão, de acordo com o conceito, referir-se-ia às qualidades e condições inerentes a tal processo e a tensão existente entre os conteúdos conscientes e inconsciente da psique humana.

Materializar, ou seja, tornar perceptível aos sentidos conteúdos inconscientes e obscuros, com a perspectiva não apenas de despotencializá-los, mas igualmente ressignificá-los e incorporá-los a consciência é a essência da Expressão Humana e a base do conceito de individuação. Nesse processo, a arte é um viés.

Embasado pela psicologia analítica, especificamente no que se refere à produção artística como forma de expressão e criação, o presente trabalho pretende discorrer e tecer considerações teóricas sobre a Expressão Humana sob a ótica da Arte como uma das possíveis vertentes do processo de individuação e de diferenciação do sujeito de seu ambiente coletivo.

Será um estudo teórico baseado em bibliografias e na prática profissional artística e de design desenvolvida há mais de 20 anos. Em Gênesis 2,7 o texto diz

que Deus modelou o homem com a argila do solo, tendo o mesmo sido, portanto, produto de um processo criativo.

Muitas vezes impõem-se a necessidade de esclarecer conteúdos obscuros, imprimindo-lhes uma forma visível. Pode-se fazer isto desenhando-os, pintando-os ou modelando-os. Muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender. (JUNG, 1984, p.180)

A estrutura do trabalho está organizada a primeiramente contextualizar o tema dentro dos conceitos básicos da Psicologia Analítica. O capítulo I será um resumo da minha compreensão da Psicologia Analítica abordando os principais itens que a sustentam tais como os conceitos de consciente, inconsciente, imagem, símbolo, arquétipo, persona, sombra, processo de individuação, self, dentre outros.

O capítulo II, intitulado “Do Verbo à Arte: Gênese da Criação” abordarei o que é a Arte e a Expressão Humana com enfoque no processo da criação artística sob a ótica junguiana. E em que medida ela viabiliza o processo de individuação independente do meio material e concreto disponível ao sujeito.

Por tratar-se de uma monografia em Arteterapia com enfoque junguiano, o capítulo III, “A individuação à procura de um Homem”, será a apresentação de um trabalho criativo. E como ele se sustenta na premissa da Arte como canal de individuação.

PSICOLOGIA ANALÍTICA

Nascido em 1875 na Suíça, o psiquiatra Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, teceu considerações e reflexões acerca dos processos psicológicos pessoais e coletivos subjacentes a vida humana. Criou uma série de conceitos baseados em sua vivência clínica bem como suas experiências pessoais e seu conhecimento em múltiplas áreas. Mais do que definir e apontar conceitos e definições absolutas sobre o funcionamento da psique humana, ampliou a visão da mesma inserida em um mundo simbólico e dinâmico.

O cerne de sua teoria baseia-se na questão da origem e da finalidade da vida. Encontrou uma série de símbolos universais e comportamentos que regem a psique humana de forma atemporal e não espacial comuns a todos os indivíduos. Compondo-se esses elementos a aspectos pessoais e sociais, estes sim temporais, Jung buscou também fontes espirituais para discorrer sobre o conhecimento humano. Não se ateu à causa da vida, mas a sua finalidade e direção comuns ao indivíduo singular e o mesmo inserido em um ambiente coletivo e universal. Como meta da vida e do desenvolvimento humano, apontou a busca e o encontro de si mesmo, ao qual ele denominou Self, como o grande desafio.

A observação de que imagens e conteúdos psíquicos semelhantes integravam a vida de diferentes indivíduos em tempos e espaços distintos, levou Jung a desenvolver o conceito de inconsciente coletivo. Diferentemente de Freud que pressupunha o mesmo como depósito de conteúdos reprimidos e suprimidos da consciência, geralmente por traumas infantis, Jung encontrou, tanto no inconsciente pessoal, quanto no coletivo, uma fonte inesgotável de energia viva e pulsante. Mais do que isso, alçou o conceito de inconsciente coletivo ao porvir da vida humana quando inseriu no mesmo algo que denominou arquétipo, que seria, em linhas gerais a base e o ponto de partida do comportamento humano. Em outras palavras, a estrutura e o padrão universal da vida.

Ao falar de inconsciente tanto pessoal quanto coletivo, Jung apresentou-os como elementos psíquicos pulsantes e dinâmicos, fontes inesgotáveis e geradoras

de conteúdos simbólicos. À inconsciente pessoal nomeou todos os conteúdos particulares e singulares de um determinado indivíduo conformado e alimentado no decorrer de sua vida. Tudo aquilo que sem a regência do ego, gestor da consciência, transfere-se para uma camada inferior da psique, sem acesso imediato. A perda de energia emocional faz com que esses pensamentos tornem-se subliminares e esquecidos, sem no entanto tornarem-se exequíveis. Sem o controle da consciência portanto, o inconsciente pessoal para Jung também é um canal importante das percepções e sentidos subliminares que permeiam a vida e as relações humanas. Enquanto latentes e dinâmicos tais conteúdos, embora desconhecidos, podem tornar-se conscientes no decorrer da vida. As produções artísticas bem como a análise dos sonhos durante os processos terapêuticos são um caminho para tal. A isto Jung denominou ampliação da consciência numa busca perene e dinâmica pelo equilíbrio entre consciência e inconsciência, através de um processo psíquico de compensação entre ambos.

A todo conteúdo inconsciente e negado, surge na mesma proporção, inclusive em termos emocionais, o paralelo oposto na esfera da consciência, impondo a mesma um confronto pessoal afim de que tal conteúdo possa ser incorporado e integrado ao sujeito, no seu processo de autoconhecimento. A esta dinâmica psíquica estabelecida como sendo a tensão gerada entre energias contrária entre consciente e inconsciente, Jung aplicou o conceito de enantiodromia criado pelo filósofo Heráclito, que apontava que a existência de uma força em uma direção gera igualmente uma força em sentido contrário. Na mesma proporção em que conteúdos conscientes se despotencializam energeticamente e passam a integrar o inconsciente pessoal, eles retornam a consciência em algum momento da vida do indivíduo afim de que haja a elaboração e a integração dos mesmos, portanto ampliação e crescimento.

A ampliação da consciência alça o indivíduo a uma esfera mais humana e coletiva na medida em que conteúdos anteriormente visíveis e reconhecíveis apenas no outro, passam a constituir a consciência pessoal. O autoconhecimento passa a ser, portanto, o ponto de partida para que o sujeito estabeleça cada vez mais relações de alteridade com o mundo circundante. Não apenas na esfera humana,

mas igualmente com o mundo material disponível ao seu desenvolvimento psíquico e social.

A relação dinâmica da consciência versus inconsciência é pautada no conceito de que tais conteúdos são fluxos de energia emocional que no decorrer da vida e em diferentes situações se apresentam não apenas com intensidades diferentes, mas igualmente instrumentalizam no sujeito diferentes recursos psíquicos para lidar com o que é alçado ao ego. Este, instrumento da consciência e constituído em linhas gerais, pela percepção que o indivíduo tem de si e do mundo, tem sua origem na esfera do inconsciente, dotado não apenas de conteúdos subliminares, mas de possibilidades de vir a ser através da criação constante de novos pensamentos e ideias. Isso atribui ao inconsciente uma esfera viva e dinâmica.

À inconsciente coletivo, diferentemente do pessoal, Jung o denominou como sendo a esfera mais profunda da psique humana, composta por arquétipos que, representados através de imagens contêm os traços funcionais e constitutivos da psique alheios ao tempo e ao espaço. Arquétipos são disposições latentes e inconscientes que influenciam o pensar, o agir e o sentir do sujeito. Comum a toda espécie humana o arquétipo, constituído em motivos mitológicos e imagens primordiais, é a base da existência humana definida universalmente como a forma com que a humanidade se define como tal. Representado através de uma imagem, esta sim acessível ao sujeito, o arquétipo reserva a possibilidade de ser no mundo através de vivências reais e concretas experienciadas em determinado tempo espaço. A repetição universal e contínua de tais vivências imprimi inconscientemente em nossa constituição psíquica uma forma de comportamento próprio a todo ser humano. O arquétipo é, dessa forma, herdado pela humanidade e o que nos define enquanto tal. Manifesta-se não apenas em forma de imagens, mas como padrões de percepção, afetos e impulsos. Estão relacionados principalmente a situações típicas da existência humana, como nascimento, morte, casamento, dentre outros. Reservados ao sujeito, o desafio de compô-lo e vive-lo o mais genuinamente possível, pessoal e socialmente.

Enquanto ideia preexistente do vir a ser, o arquétipo, embora constituinte do inconsciente coletivo de todos os indivíduos da espécie humana, é mobilizado e

acessado mediante a vivência de situações concretas e distintas da vida. Colocamos em uma esfera de alteridade igualando-nos e unindo-nos no mesmo campo representativo e constitutivo da vida. Pulsamos igualmente enquanto espécie, reservadas as possibilidades de diferenciarmo-nos naquilo que cada experiência, impressa em nossa alma, nos permite elaborar. É quando nosso Self, arquétipo da Ordem e o centro de nossa personalidade, flui em busca da realização da vida. É o conceito de individuação sobre o qual discorreremos mais adiante.

A psicologia analítica está baseada num conceito de que os processos psíquicos são manifestações de uma energia vital a qual Jung denominou libido. Possuem funcionamentos e dinâmicas próprias, sendo que o inconsciente, tanto pessoal quanto coletivo são manifestações simbólicas que, se interpretadas e acessadas a nível consciente, contribuem para o processo de autoconhecimento. Portanto, compreender e contextualizar os símbolos dentro do desenvolvimento psíquico é o fio condutor que nos instrumentaliza para nos desenvolvermos enquanto sujeitos em nosso processo de individuação.

O símbolo, termo de origem grega *Symbolon*, colocar junto, descrito por Jung como sinônimo de imagem, possui uma conotação que supera seu significado evidente e convencional. Seu conteúdo explícito e evidente, interpretado a nível consciente, portanto elaborado e pensado, não representa a totalidade de sua natureza nem tão pouco sua essência como objeto de cura e autoconhecimento. Pode-se dizer que os símbolos são produtos do inconsciente, portanto expressam conteúdos desconhecidos e ainda não elaborados. Uma vez alçados à consciência e compreendidos os símbolos passam a sinais e apontam para significados objetivos e determinados. Uma vez acessados apenas enquanto imagens, os arquétipos podem ser analisados enquanto símbolos que trazem em sua essência o caminho e o potencial de realização da vida humana. O homem contemporâneo, diferente do primitivo, afastou-se dos seus instintos mais básicos, portanto da simbologia dos processos psíquicos expressos, por exemplo, nos sonhos, nos rituais religiosos, nos processos artísticos, nos mitos, enfim nos conteúdos manifestos a nível inconsciente. Onde há vida, portanto fluxo de energia, há produção simbólica envolvida. O símbolo indica algo que não pode ser expresso pela linguagem comum.

Viver o símbolo, diferente de compreendê-lo racionalmente, pressupõe energia psíquica, portanto libido, envolvida. Essa relação é o ponto de partida para que haja não apenas a consciência da mensagem manifesta pelo símbolo, mas igualmente a incorporação e a introjeção do mesmo na vida do indivíduo. Partindo-se da premissa da existência da tensão entre consciente e inconsciente e este último expresso através de imagens, podemos dizer que os símbolos tem igualmente a função de equilíbrio da psique no momento em que ele surge como uma compensação dessa oposição. Apenas a vivência e a atitude ativa perante tais conteúdos possibilitam que o símbolo desempenhe na vida do indivíduo o que Jung chamou de função transcendente dos símbolos na medida em que ele estabelece a ponte entre consciente e inconsciente.

Manifestações do inconsciente, os símbolos são representações genuínas do Self, a que Jung definiu como sendo o centro ordenador da vida do indivíduo, sua Alma, sua singularidade, um arquétipo da existência humana. Tanto a nível pessoal (inconsciente pessoal) quanto coletivo (arquétipos) a produção simbólica, atemporal e inesgotável, alçada à consciência proporciona ao indivíduo um caminho rumo ao autoconhecimento.

O que nos apresenta ao mundo, nossa persona, um arquétipo de adaptação, é a face externa de nossa psique que nos permite a vida em sociedade e possibilita nosso pertencimento e aceitação social. Protege-nos contra a elaboração de nossos defeitos quanto maior for a fixação em determinado aspecto da personalidade. A psicologia analítica trabalha com um conceito de energia e compensações e não define as estruturas psicológicas separadamente ou na qualidade de suas funções. Elas atuam harmonicamente mesmo perante um desequilíbrio da vida do indivíduo, impulsionando-o ao autoconhecimento através da produção de conteúdo simbólico inconsciente em sonhos, por exemplo. Desta forma, a persona atua como a interface entre o homem e o mundo definindo-o em seu papel social e em sua identidade enquanto sujeito. É a atitude que ele assume perante o mundo para se adaptar e agir sobre ele. Ainda que vivenciada enquanto individualidade, ela não define o sujeito em sua essência, por tratar-se de uma identidade social muitas vezes idealizada. Apenas no processo de individuação, com a diferenciação do sujeito do mundo coletivo, a persona, mesmo que presente, atua sobre a psique de forma

menos potencializada. Ao entrar em contato com sua vida interior e tomar consciência da mesma com as múltiplas facetas de sua personalidade, o indivíduo consegue se identificar com outros aspectos que o aproximam mais de sua essência tornando sua personalidade mais desenvolvida e expressiva. Quanto mais estruturado o ego, mais possibilidade de haver a readequação da persona no processo de autoconhecimento.

O ego é o centro da consciência formado pela percepção geral de nossa existência, nosso corpo físico e pelos registros de nossas memórias. Nada que não se relacione com o ego, atinge a consciência. O ego atua como uma função mediadora entre consciente e inconsciente filtrando os conteúdos que permaneceram na esfera da consciência. Portanto, o ego é a identidade do sujeito e o que possibilita haver coerência na personalidade. O que é nela negado em termos de comportamentos, sentimentos e fantasias, configura o que Jung denominou de sombra. Desde a infância, diante da repressão e da negação de sentimentos e conteúdos indesejáveis em detrimento de nossa aceitação social, familiar, deslocamos conteúdos para a parte inferior e indiferenciada da consciência. A sombra, embora inconsciente, possui vitalidade autônoma e energia que se manifestam em comportamentos contrários à persona, muitas vezes levando o indivíduo a projetar tais conteúdos indesejados em um objeto externo. Apenas a consciência desse processo modifica tal comportamento.

Todo homem tem uma sombra e, quanto menos ela se incorporar à sua vida, mais escura e densa ela será. De todo modo, ela forma uma trava inconsciente que frustra nossas melhores intenções. (JUNG, 1975)

Na proporção da negação de sombra, os conteúdos negados e inconscientes atuam de forma autônoma. Conhecer a si mesmo e integrar os aspectos ausentes de nossa personalidade é o princípio do autoconhecimento, diminuindo o potencial autônomo que a sombra exerce quando negada. Afora o lado negativo, a sombra é igualmente composta por potencialidades de mudança e qualidades negadas inconscientemente pelo indivíduo, porque desconhecidas. Portanto, o reconhecimento das características julgadas negativas traz igualmente a possibilidade do descobrimento de aspectos positivos da personalidade

impulsionando o sujeito na busca criativa de soluções e inspirações para além dos recursos conscientes.

Manifestações dinâmicas arquetípicas, Animus e Anima são conceitos usados por Jung que simbolizam as características contra-sexuais de cada indivíduo. São imagens psíquicas e arquetípicas provenientes do inconsciente responsáveis pela qualidade da relação que o indivíduo estabelece com o sexo oposto. A anima é formada pela projeção da psique do menino na mãe e animus pela projeção da filha no pai. Quando inconscientes tais conteúdos se manifestam em forma de projeções parentais sobre determinado objeto. Com o crescimento e a maturidade elas tendem a dar espaço a formas mais conscientes de relação com o sexo oposto.

Diferentemente da sombra, o conceito de complexo, ainda que na esfera inconsciente da psique, refere-se a todo conteúdo psíquico dotado de energia e afeto vinculado a algum arquétipo. Uma vez constelado, conduz ideias, pensamentos e ações de um indivíduo a se manifestarem de forma inconsciente dotada de certa autonomia. Onde há grandes alterações de comportamentos, afetos e envolvimento desproporcionais às situações, lá estará inconscientemente atuando um complexo que tem a sua origem em situações traumáticas vividas. À nível consciente, há igualmente energia afetiva na memória vinculado ao trauma e à experiência que o gerou. Na esfera inconsciente atuam os comportamentos dele decorridos.

A premissa da superação de um complexo está intensamente vinculada à sua vivência permeada pela compreensão do papel que ele exerce no comportamento. Alçado à esfera consciente, o complexo perde energia emocional permitindo a compreensão de comportamentos anteriormente autônomos. Quando isso ocorre ele pode vir a ser uma fonte de inspiração e criação, por exemplo, em processos artísticos.

Diferentemente de Freud que se ateu prioritariamente às primeiras fases da vida do indivíduo, lançando sobre as mesmas o olhar e a busca dos traumas e razões de comportamentos ditos "patológicos", Jung afastou-se dessa ideia ao lançar uma sorte de reflexões acerca dos processos psicológicos, pessoais e

coletivos, que movem-se durante a vida afim de "preparar" e promover no ser humano o autoconhecimento numa fase posterior. A Individuação é um profundo processo de autoconhecimento numa fase da vida onde a estrutura básica já foi alcançada. Ou seja...trabalho, família, filhos, estabilidade financeira. É o encontro com sua Alma, com seu Self num processo de diferenciação de si inserido no coletivo. Tornar conscientes conteúdos inconscientes nesse processo de autoconhecimento e individuação é o cerne do trabalho analítico. Os sonhos, assim como a Arte, são caminhos para tal na medida em que são manifestações diretas do inconsciente.

A individuação não é um fim em si mesmo, senão um contínuo processo de autoconhecimento inerente a qualquer ser humano. No confronto entre consciente e inconsciente, em linhas gerais materializado em forma de crises e desafios pessoais, a individuação enseja a procura da razão do existir. Entre o ego consciente e ordenador de nossa personalidade e o Self enquanto sentido da existência e singularidade da Alma está o caminho do crescimento consciente. Readequar a persona, confrontar a sombra, conscientizar-se das projeções e conectar-se a si mesmo são processos contínuos que compõem o funcionamento em espiral da psique. Muitas vezes o indivíduo confronta-se com as mesmas questões pessoais em diferentes níveis de evolução e desenvolvimento.

(...) significa um entendimento de si, uma aceitação em si da necessidade da existência em termos limitados. A vivência desse entendimento é a mais plena e a mais profunda interiorização a que o indivíduo possa chegar. Ser livre é ocupar o seu espaço de vida. Esse entendimento de si é um processo e não um estado de ser. Contém como correlata a possibilidade de o indivíduo constantemente diversificar-se e acrescentar a si próprio dentro de sua coerência. É um processo que cresce em duas direções simultâneas, como se fosse um leque a abrir e fechar-se num idêntico movimento, atingindo níveis integrativos sempre mais elevados. Crescendo tanto no sentido das delimitações como no de ampliações, a coerência se renova nas potencialidades criativas do indivíduo. A cada síntese, a cada novo nível de compreensão que é possível alcançar, corresponde a base do aparecimento de novas possibilidades de ser e de

criar. Assim, a criação é um perene desdobramento e uma perene reestruturação. É uma intensificação da vida. (OSTROWER, 1997,p.165)

A que Jung denominou compensação psíquica, possível somente através da contínua produção simbólica, é a busca do eterno equilíbrio entre o ego-self, ambos arquétipos da psique humana. É como se a vida individual, acessível e consciente estivesse a serviço da ampliação a que denominamos espécie humana, através da busca e realização, mesmo que parcial, da nossa Alma. Buscar-se a si mesmo, num determinado tempo e espaço, alimenta uma engrenagem amplificada que supera em si a soma das individualidades e recai talvez na busca do significado da vida humana e do homem enquanto espécie. Portanto, pertencer a si e ao mundo, desloca o homem de um papel apenas ativo e consciente de seu processo de individuação e o contextualiza enquanto instrumento de realização de algo a que podemos denominar Deus ou o Sentido da Vida. Nomear e estabelecer uma ordem na compreensão do funcionamento da psique nos permite compreender como a vida, particular e coletiva, flui no sentido da Realização.

A análise dos conteúdos inconscientes proveniente dos sonhos é um meio possível de trabalhar-se o processo de individuação. Simbólicos, os sonhos são manifestações inconscientes que trazem informações á consciência sobre o funcionamento da psique. O que a consciência não consegue formular e expressar, o inconsciente o faz através dos símbolos. A análise é um caminho possível onde tais conteúdos podem ser explorados, contribuindo para o processo de autoconhecimento. Independente dos sonhos serem arquetípicos ou pessoais, a livre associação de ideias mas sobretudo de sentimentos dele advindos contribuem para sua compreensão. Associações pessoais juntamente com o estudo da linguagem simbólica e histórica concernente aos sonhos instrumentalizam a compreensão dos mesmos. As produções artísticas e criativas, igualmente emergentes do inconsciente e materializadas através da ação humana são um caminho para o autoconhecimento. O capítulo II será destinado a sua análise e de como a Arte é um instrumento do processo de individuação.

A criação de algo novo não se conquista com o intelecto, senão através do instinto lúdico que atua à partir de uma necessidade interior. A mente criativa brinca com os objetos que ama. (JUNG, 2011)

DO VERBO À ARTE: GÊNESIS DA CRIAÇÃO

Não te dei face, nem lugar que te seja próprio, nem dom algum que te faça particular, ó Adão, a fim de que tua face, teu lugar e teus dons, tu os desveles, conquistes e possuas por ti mesmo. A natureza encerra outras espécies em leis por mim estabelecidas. Mas tu, a que nenhum confim delimita, por teu próprio arbítrio, nas mãos do qual te coloquei, tu te defines a ti mesmo. Pus-te no mundo a fim de que possas melhor contemplar o que contém o mundo. Não te fiz celeste nem terrestre, mortal ou imortal, a fim de que tu mesmo, livremente, à maneira de um bom pintor ou de um hábil escultor, descubras tua própria forma.
(MIRANDOLA, 1486)

Atribuir ao mundo material um significado e não apenas servir-se instintivamente do mesmo para sobrevivência, foi o ponto de partida da diferenciação do homem frente ao animal. O caráter expressivo e subjetivo da atividade humana, passível de ser analisada sob diversos aspectos, será aqui analisada sob a ótica da psicologia analítica no que concernem as bases da arteterapia.

A atividade humana pressupõe uma intenção e um produto concebido através da transformação do mundo material. A expressão, mesmo que subjetiva, de certa atitude frente à realidade, modifica o indivíduo e cria um terceiro elemento resultado da ação. A interação mão, linguagem, cérebro deu ao homem o domínio do mundo permeado pelo desejo e pela intenção. Foi o ponto de partida para que o conhecimento, antes vinculado a ações concretas e de sobrevivência, passasse a conter aspectos subjetivos e expressivos.

Falar em nascimento da consciência remete-nos, então, ao estudo da evolução do homem, da aquisição da postura ereta, da liberdade de suas extremidades superiores, da fabricação de utensílios, da vida social e da interação com o mundo material que possibilitou não apenas sua experimentação concreta, mas a expressão subjetiva do resultado dessa interação. Ao expressar pictoricamente ações concretas da vida cotidiana o homem teve a oportunidade não apenas de diferenciar-se do mundo externo, mas igualmente de fazer com que a

própria representação retornasse a ele e ao grupo como um reforço de sua própria ação. Apodera-se do mundo concreto era apodera-se de si próprio e da intenção frente à realidade.

Cronologicamente distante, mas relacionada à natureza do homem, Jung teorizou a psicologia analítica baseada no pressuposto de que a criação é um ato inerente à natureza humana. No entanto ele não se ateve aos aspectos estéticos da Arte, mas ao processo de criação enquanto manifestação simbólica do inconsciente, juntamente com os sonhos, fantasias e sincronismos.

Ao ato criativo, no ensejo da manifestação inconsciente do indivíduo, subjaz simbolicamente conteúdos arquetípicos vinculados a esfera coletiva, portanto comum a todos os seres humanos. O mundo material disponível, este sim da esfera temporal e espacial, apenas instrumentaliza a forma como tais conteúdos são apresentados ao mundo ao atingir a camada consciente da psique. O mecanismo criativo e intuitivo, porque simbólicos, podem desempenhar um papel de função transcendente quando, tanto a nível pessoal quanto coletivo, houver a incorporação a nível consciente de tais conteúdos. Enquanto processo do inconsciente, a arte é a manifestação da energia criadora e autônoma do Self.

Este é o segredo da ação da arte. O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. (JUNG, 2011, p.83)

Ao falar da arte enquanto processo de criação Jung qualifica a obra de arte como fonte de reorganização criativa. O inconsciente passa a ser nesse caso o veículo através do qual o artista projeta materialmente imagens arquetípicas comuns a toda humanidade. Nesse sentido a obra de arte pode ser compreendida como um complexo autônomo quando do momento da sua criação, assemelhando-se a um

surto psicótico quando conteúdos inconscientes invadem a consciência. Jung denomina esse processo de fúria criadora.

Enquanto símbolo a obra de arte contém um desafio à reflexão e compreensão de quem a observa. Pela natureza de seu conteúdo muitas vezes ela só passa a ser reconhecida, porque decifrada, um tempo decorrido de sua elaboração quando a renovação do espírito da época permite a incorporação de sua natureza. Por vezes a obra de arte não segue os preceitos estéticos vigentes, causando desconforto em um primeiro contato. O seu sentido ultrapassa, portanto, não apenas a compreensão da obra mas igualmente a vivência criativa do indivíduo.

Jung aponta dois caminhos distintos para a produção artística. A primeira, extrovertida, supra pessoal, seria quando a obra de arte é fruto da ativação inconsciente dos arquétipos e materializada pelo ego em uma linguagem própria e disponível ao artista. A intensidade e a emoção inerentes ao processo são proporcionais à ideia de que determinada imagem arquetípica foi acionada. Quando isso ocorre através do acesso a essas imagens primordiais, a obra de arte passa a ser um canal através do qual há a elevação do destino pessoal e social da humanidade. Ela amplia o mundo com forças benéficas de ampliação de consciência fazendo com que a arte seja um veículo de regulação espiritual da vida humana. Ao lidar com a imagem enquanto fenômeno psíquico de energia, a obra de arte ascende a humanidade ao desconhecido e ao acesso às áreas pouco compreendidas da existência.

A este modo a que Jung denominou visionário e arquetípico de criação artística tem como fonte originária a alma humana e temas muitas vezes desconhecidos, místicos e desconcertantes que extrapolam os limites da compreensão imediata e racional. A obra visionária, incompatível pessoal e coletivamente, instiga, destrói valores, e nasce muitas vezes de uma experiência coletiva a que o artista, à serviço da alma humana passa a ser o instrumento através do qual a imagem arquetípica se veste. Ela possui uma carga afetiva e emocional importantes que convida ao olhar intuitivo da busca do mistério e do significado simbólicos através da vivência e não da interpretação. A obra visionária

não é a manifestação de um sintoma da psique do artista. Este é apenas um instrumento coletivo e não pessoal.

O segundo canal da criação artística, enquanto experiência pessoal e constituído de maneira intencional e consciente, faz parte a maioria das produções. Baseadas em experiências humanas conhecidas, são facilmente compreensíveis e assimiláveis e se dispõem a serem prioritariamente objetos estéticos de apreciação. Embora Jung acreditasse que o processo criativo habita no inconsciente e o artista ser alguém que tem a capacidade de ativar arquétipos do inconsciente coletivo, este processo de criação tem como base o inconsciente pessoal do próprio artista. Essa arte se preocupa em falar de questões comuns aos seres humanos e pela familiaridade de tais conteúdos é uma arte que se esgota no conhecimento e apreciação.

(...) a psicologia do artista constitui um assunto coletivo e não pessoal. Isto porque a arte, nele, é inata como um instinto que dele se apodera, fazendo-o seu instrumento. Em última instância, o que nele quer não é ele mesmo enquanto homem pessoal, mas a obra de arte. Enquanto pessoa, tem seus humores, caprichos e metas egoístas, mas enquanto artista ele é, no mais alto sentido, "homem", e homem coletivo, portador e plasmador da alma inconsciente e ativa da humanidade. (JUNG, 2011, p.104)

Analisar a arte enquanto canal de expressão e materialização de conteúdos inconscientes é compreendê-la como um processo e não como um fim em si mesmo. Falar em individuação é igualmente compreender o indivíduo enquanto um ser em processo de autoconhecimento possível apenas através da manifestação inconsciente, portanto simbólica. Na medida em que tais conteúdos emergem do inconsciente e passam a ser incorporados à esfera consciente, abre-se a possibilidade da ampliação do autoconhecimento. Esse processo é inerente à vida humana, o que torna a individuação também um processo e não um fim.

A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si mesmo dos invólucros falso da persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais. (JUNG, 2008, p. 50).

A palavra arte vem do” latim ars, e designa a maneira de ser ou de agir; a habilidade natural ou adquirida, arte, conhecimento técnico”. A arte, assim como o processo de individuação pressupõe a relação entre consciência e inconsciência. Enquanto canal de busca e expressão, ela possibilita a materialização destes conteúdos em uma linguagem estética e ordenada que despotencializa a energia de conteúdos inconscientes. Funciona como uma ponte entre estes conteúdos advindos das camadas psíquicas mais profundas e o ego. No entanto a expressão por si só não promove a mudança e apenas o aprofundamento posterior dos significados simbólicos emergentes é que faz da arte um canal de autoconhecimento. O próprio sintoma é uma realização simbólica de conteúdos inconscientes que emergem para a luz da consciência podendo então serem conscientizados. Sem a conscientização de tais conteúdos não há diferenciação nem percepção das diferenças pessoais e coletivas. O ato da criação possibilita a decodificação da mensagem simbólica inconsciente dotada de energia emocional.

(...) as imagens simbólicas formadas no inconsciente constituem a substância da qual é feita a vida psíquica emocional. Cada emoção é acompanhada de uma imagem, e cada imagem, de dinamismo correspondente. As emoções se configuram através de imagens simbólicas muito próximas das imagens de mitos e rituais. Essa é a linguagem da psique inconsciente.(SILVEIRA, 1992,p. 9)

O processo de individuação, segundo Jung é um processo espontâneo, longo e difícil, comum a todos os seres humanos. Completar-se e viver as potencialidades inerentes da alma particular pressupõe por sua vez a ampliação do mundo circundante reconhecendo-se individualmente em um espaço coletivo e múltiplo. O aumento da consciência coletiva tem espaço somente quando a consciência pessoal e dos atributos e características pessoais podem ser contemplados na vida particular, criando espaço para uma relação de alteridade com a própria existência humana em seus aspectos pessoais e materiais. Distinguir-se pressupõe autoconhecimento, autonomia e abertura para as vicissitudes da vida e do outro onde o exercício de torna-se humano se realiza.

A INDIVIDUAÇÃO À PROCURA DE UM HOMEM

Todo o processo de criação tem em sua origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle, processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria. É transferência simbólica do homem à materialidade das coisas, e que novamente são transferidas para si. [...] Formando a matéria, ordenando-a configurando-a, dominando-a, também o homem vem a se ordenar interiormente e a dominar-se. Vem a se conhecer um pouco melhor e ampliar sua consciência nesse processo dinâmico e que recria suas potencialidades essenciais. (OSTROWER, 1977, p. 53)

Do latim *creare*, a palavra criar, produzir, erguer, crescer, é um ato humano dotado de intenção de um sujeito frente a uma realidade material. Transpô-la em suas possibilidades latentes é o que diferencia a ação humana do fazer animal ao unir e promover a relação entre o mundo material, instintivo e espiritual do homem. O que denominamos intuição, diferentemente do ato instintivo e reflexo, é o fluir dos conteúdos inconscientes à serviço da consciência materializada no processo de criação. À luz da consciência o ego estrutura e conforma a matéria alimentado pelos inconscientes pessoal e coletivo.

A coexistência de conteúdos e polaridades psicológicas faz da Arte enquanto processo criativo, um canal de individuação ao promover a ampliação e incorporação de conteúdos inconscientes à nível da consciência. Enquanto expressão e compreensão de emoções e conteúdos psicológicos, a criatividade, ao combinar aspectos do mundo da Arte e da psicologia, demanda do sujeito autoconhecimento ao mesmo tempo em que o promove. A individuação é dessa forma um processo contínuo e não uma meta a ser alcançada.

De acordo com Jung, criar é um processo autônomo da psique como um complexo que atua na esfera inconsciente, vinculado a conteúdos psíquicos e arquétipos imbuídos de energia. A Arte é a formulação estética dos conteúdos

inconscientes alçados a esfera da consciência no momento em que o controle do ego diminui abrindo espaço para o fluir intuitivo. Viver o complexo e supera-lo, qualquer que seja ele exige não apenas a vivência dos aspectos a ele relacionados, mas igualmente a compreensão dos comportamentos anteriormente autônomos. Diferentemente do surto psicótico onde o sujeito não consegue transpor e compreender tal dinâmica, permanecendo na esfera da vivência inconsciente, o artista vive e experimenta as diferentes vertentes de sua psique de forma a ampliar o nível de sua consciência. Ao viver e experimentar a vida simbólica, comum a todos os indivíduos através dos sonhos, das produções artísticas, dos sincronismos, o artista abre espaço para que a energia psíquica de seus complexos diminua favorecendo a superação de comportamentos anteriores e abrindo espaço para sua individuação.

Atrás da consciência não se encontra o nada absoluto, mas sim a psique inconsciente que afeta a consciência por trás e por dentro, da mesma forma como o mundo externo afeta a consciência pela frente e de fora. Portanto os elementos pictóricos que não correspondem a nenhum lado externo devem provir do "intimo". (JUNG, 1987, p. 87)

A vivência de um complexo exige a canalização de energia para determinada esfera da vida do indivíduo ao qual ele se relaciona. Ao falar em estrutura do ego, para Jung a representação da consciência do sujeito a respeito de si mesmo, pressupomos que a ordenação, a canalização e a estruturação do viver artístico estão diretamente vinculados a possibilidade dele agir como suporte na manifestação inconsciente do processo criativo. A coexistência de tais polaridades representadas de um lado pelo ego e outra pelos inconscientes pessoal e coletivo inserem o processo criativo no princípio fundamental da vida representado pelos aspectos masculino e feminino de toda criação. Representado pelo ego, o fazer intencional, o esforço, a persistência, representam o princípio masculino do ato do fazer. Vinculada à estética, à criação, à beleza, mas, sobretudo à receptividade e ao acolhimento, a ânsima enquanto manifestação está vinculada ao fluir, à imaginação, à manifestação inconsciente do processo criativo. Compreender essa dinâmica

expressa e sedimenta a possibilidade de compreender a Arte enquanto um complexo autônomo atuante e possível regulador da psique.

A psicologia da criação artística é uma psicologia especificamente feminina, pois a obra criadora jorra das profundezas inconscientes, que são justamente o domínio das mães. Se os dons criadores prevalecem, prevalece o inconsciente como força plasmadora da vida e destino, diante da vontade consciente. (JUNG, 1987, p. 67)

CONCLUSÃO

À luz da consciência mediada pelo ego, a Arte materializa-se naquilo que os sentidos humanos podem captar. Enquanto canal expressivo, a Arte revela e realiza conteúdos inconscientes que possibilitam ao indivíduo a ampliação de sua consciência, portanto o autoconhecimento.

Estudar e discorrer sobre o processo artístico embasado pela psicologia analítica é a base que permeia o uso da arteterapia enquanto possibilidade de tratamento terapêutico. No entanto, apenas a vivência profunda do fazer artístico aliada ao conhecimento teórico alçam o profissional à compreensão do processo de individuação e transformação possíveis.

O processo de criação, fruto da intuição, pode ser analisado como um dos principais agentes da individuação por possibilitar a expressão de conteúdos inconscientes e emoções introvertidas numa linguagem simbólica, qualquer que seja o meio material disponível. O acesso a imagens do inconsciente coletivo, portanto dos arquétipos, insere a arte como uma manifestação e expressão do homem enquanto espécie, a despeito do âmbito solitário da criação. Criar é um impulso dotado de energia psíquica semelhante ao instinto, portanto inconsciente, com potencial de acesso ao Self. Ele favorece o equilíbrio psíquico diminuindo a tensão entre consciência e inconsciência no momento em que tais conteúdos materializam-se.

Submergir no mundo material e fundir-se a ele numa relação de alteridade, amplia a possibilidade da expressão inconsciente revelar-se como um canal de autoconhecimento e individuação. Invariavelmente o caminho que conduz o indivíduo ao encontro de sua Alma, a que Jung denominou Self, o conduz igualmente ao encontro com o outro. Transpor-se ao outro e ao mundo tira o indivíduo do isolamento e o insere em um contexto coletivo, portanto humano, onde o exercício de ser revela-se possível.

Aliar a vivência artística à psicologia analítica comprova que a Arte é facilitadora do processo de individuação, de contato com nossa essência, ao

possibilita a conexão de conteúdos conscientes e inconscientes durante o processo criativo. A Arte pode ser um canal de busca e descoberta de uma linguagem própria e de expressão particulares à caminho de si mesmo em uma esfera terapêutica ou não. Criar exige entrega e coragem na busca da totalidade e da razão da vida e da existência humana.

Tudo está em levar a termo e, depois, dar à luz. Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento, e guardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade: só isto é viver artisticamente na compreensão e na criação. (RILKE, 2009)

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubens. **O que é religião**. 2º edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BRENNAN, Anne; BREWI, Janice. **Arquétipos Junguianos e a Espiritualidade na meia idade**. 1º edição. São Paulo. Editora Madras, 2004.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15º edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- HAUSCHKA, Margarethe. **Terapia Artística: Contribuições para uma atuação terapêutica**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964/1992.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. 2º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. 6º edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.
- JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos da Psicologia Analítica: As Conferências de Tavistock**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, volume XVIII/1.
- JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência**. 3º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. **Análise dos Sonhos. Notas sobre o Seminário ministrado de 1928 a 1930**. Editado por Willian McGuirre. Bollingen Series XCIX, Princeton University Press.
- JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Vol 8/2. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- MITHEN, Steven. **A pré-história da mente. Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- NIHIL OBSTAT. **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1958.
- OLIVEIRA, Santana Rodrigues. **Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa: narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica**. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- QUINTINO, Iramaia Pascale. **A importância do método de aplicação nas oficinas de criatividade**. Dissertação (mestrado) – Universidade de Santiago de Compostela. São Paulo 2001.
- REIS, Alice Casanova. **A Arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em Psicologia Social baseada no fazer artístico**. Barbarói, Revista do Departamento de Ciências Humanas. Universidade de Santa Cruz do Sul, n.40, p 246-263, jan./jun. 2014.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM Pocket Plus, 2009.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. 3^o edição. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1981.

SILVEIRA, Nise. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise. **Jung Vida e Obra**. 7^o edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

VON FRANZ, Marie Louise. **O Caminho dos Sonhos**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1988.